

Conclusão

Durante este estudo, pudemos perceber que três eixos estruturam a estória de vida de Alberto – a ida para os Estados Unidos (o que denominamos de estar “lá”), a permanência no país estrangeiro (ou o entre-lugar) e seu retorno ao Brasil (o estar “aqui”). Todas as ações de Alberto se voltam em um esforço de dar sentido às identidades que ele vai construir ao longo da narrativa, bem como aos sistemas de coerência que ele vai criando para tecer as avaliações que corroboram com as impressões que ele teve sobre sua trajetória.

Para chegar a essa conclusão, ao longo deste trabalho investigamos de que forma esses sistemas de coerência e avaliações são construídos no discurso de Alberto, pautados em reflexões teóricas que abarcam as questões identitárias em contexto de entrevistas sobre estórias de vida. Num primeiro momento, buscamos entender através dos pressupostos da Sociolinguística Interacional no que tange aos estudos sobre identidade e narrativa as explicações, avaliações e os sistemas de coerência adotados por Alberto para justificar as identidades configuradas e reconfiguradas por ele para justificar o estranhamento cultural que o brasileiro de um modo geral sente ao se inserir na sociedade americana, cujos valores são muito diferentes da sociedade brasileira.

Falamos em identidades por acreditarmos que a trajetória de vida de um indivíduo não é construída a partir de uma identidade única mantida e sustentada a qualquer custo, mas sim, várias identidades que podem ser construídas e reconfiguradas de acordo com o contexto em que o indivíduo se insere. Assim, essas identidades serão móveis e deslocáveis, tendendo-se a transformar-se sempre que necessário.

É justamente essa capacidade de transformar-se que é necessária para que o brasileiro estando em um país estrangeiro – no nosso caso,

nos Estados Unidos – precisa ter para se adaptar às adversidades que surgirão em seu caminho. Escolhemos a entrevista de Alberto para esta análise por acreditarmos que ela obedeça ao perfil de imigrantes que vão para os Estados Unidos em busca de especialização acadêmica, afastando-nos das pesquisas recorrentes que visam investigar brasileiro que vão para os Estados Unidos em contexto de trabalho.

Alberto tem como princípio e fim da sua narrativa o trabalho como propulsor da viagem, mas não como figura central, ou seja, não como ponto crucial para a concretização de seu objetivo, que era uma especialização acadêmica, conseguida através de uma oportunidade de trabalho dentro da própria Academia.

É no contexto acadêmico que se passa a maior parte da narrativa de Alberto, e é também nesse momento da análise que surgem novos conceitos como a questão da meritocracia e da identidade de projeto. Ao deixar as relações seguras e estáveis construídas no Brasil, Alberto se vê tendo de lidar com as regras de uma sociedade regida por um valor que não é muito utilizado em seu país de origem, que é a individualização e sucesso por mérito próprio, embora hoje em dia, no Brasil, as organizações modernas estejam adotando os modelos de administração americanos e começando a ‘reinventar’ as regras do que é valor na competência para o trabalho, sendo fatores como idade e antigüidade de pouca valia para a concessão de privilégios. Esta, porém, é outra discussão, principalmente pelo fato de que mesmo começando a adotar tais princípios, o conceito (bem como a prática) é ainda muito velado.

A meritocracia, conceito assentado no princípio da igualdade, é uma fuga e também justificativa para as identidades forjadas por Alberto. Como estrangeiro inserido em um ambiente onde a competência e o esforço individual são cruciais para o sucesso, Alberto tem a oportunidade de competir de igual para igual, pois esse é um ambiente onde a competência intelectual é o mais importante, e não a sua origem étnica. Igualado ao nativo, Alberto não precisa afirmar sua identidade brasileira, mas uma identidade baseada na capacidade individual, configurando-se como intelectualmente capaz de estar entre os melhores, sem ter de enfrentar o estigma de ser estrangeiro. Ao voltar para o Brasil, porém,

Alberto tem de reconfigurar sua identidade, pois “aqui” os valores são diferentes de “lá”.

Duas questões são cruciais para a reconfiguração de sua identidade: a primeira delas é que no Brasil clamar para si um tipo de avaliação que não é o padrão acaba sendo difícil, pois aquele que se sobressai dos demais, e mais, que brada seus méritos e competência é visto com maus olhos pelo grupo, pois destoa daquelas regras socialmente aceitas anteriormente e que servem de regulamentação para aquele grupo. É a questão da face, onde a modéstia é valorizada, por não permitir que se estabeleça a diferença entre os demais, principalmente por ser baseada no reconhecimento público das diferenças de desempenho individuais. Por isso Alberto constrói uma identidade humilde. Embora ele dê pistas de que só uma pessoa qualificada teria condições de trilhar o caminho pelo qual ele passou, em momento algum ele deixa essa avaliação transparecer, mas apenas dá sinais que levam o ouvinte a perceber isso.

O segundo ponto a se pensar é que não é em qualquer ambiente que o mérito acadêmico é valorizado, pois a cultura brasileira não dá o mesmo valor que o americano à esfera acadêmica. Então, esse imigrante que passou todas as perdas da viagem de ida, precisou se adequar aos padrões americanos e, além de tudo, obteve sucesso naquele país onde essa característica é supervalorizada, se vê novamente perdido, pois não consegue mais resgatar a identidade que tivera outrora.

Assim, para justificar essas configurações e reconfigurações de identidade, Alberto utiliza como sistema de coerência para a sua narrativa o acaso, atribuindo toda a sua trajetória de vida acadêmica a algo sobre o qual ele não teve controle, mas que foram acontecendo. Dessa forma ele tira de si a responsabilidade por qualquer evento mal avaliado pela audiência. Se alguma coisa desse errado, a justificativa seria a de que tudo aconteceu sem que ele tivesse planejado nada, mas que de qualquer forma, ele é uma pessoa apta, pois conseguiu lidar bem mesmo em um ambiente para o qual não estava preparado. Mais uma vez, esse fator só vem a corroborar com a construção de uma identidade calcada na humildade, que faz com que Alberto se construa de maneira ainda mais positiva.

É importante ressaltar que a coerência é criada, a partir das próprias escolhas dos acontecimentos narrados. Dentre tantas experiências, escolher quais contar é também mostrar que tipo de pessoa você é e como lida com as situações que são normalmente adversas, justamente para mostrar uma face positiva de si mesmo.

O outro conceito também pertinente à construção de uma imagem positiva de si é a identidade de projeto sustentada por Alberto quando da sua volta. Pudemos notar durante a análise que o retorno ao Brasil é algo ainda complicado para Alberto. Embora ele já tenha voltado há cerca de três anos, ainda não conseguiu estruturar bem uma justificativa para o seu retorno. Acredito que isso se deve pelo fato de que o regresso vai de encontro a duas configurações identitárias que ele sustentou durante a narrativa: primeiro, a volta para casa é o único momento em que a responsabilidade não é atribuída ao acaso, mas parte de uma decisão própria, sobre a qual ele terá de responder; segundo, porque fere a sua identidade de projeto.

Existem dois pressupostos básicos para que um projeto seja socialmente aceito e compartilhado positivamente. O primeiro é de que ele faça sentido, ou seja, seu objetivo tem de ser valorizado culturalmente tanto para si mesmo quanto para as sociedades e origem (que vai justificar sua ida) e hospedeira (que vai “aceitar” abrigar tal projeto). O outro pressuposto é de que os projetos são mutáveis e/ou deslocáveis, ou seja, são dinâmicos, e vão adequar-se às diferentes fases da vida do indivíduo, bem como aos grupos aos quais ele se filiou e à realidade histórica vigente. Alberto tinha como projeto a especialização acadêmica, o que foi concretizado. Assim, como justificar o retorno ao Brasil senão por uma mudança do seu projeto, a qual ainda não está concreta na fala em sua fala.

Finalmente, acredito que as identidades reivindicadas por Alberto fazem parte da sua própria trajetória de estrangeiro, ou seja, um eterno movimento entre “lá” e “aqui”, que perpassa por toda a análise e pretende dar conta de estabelecer uma coerência entre a capacidade do ser humano de adaptação a novos espaços, bem como às imagens que a todo momento tencionamos projetar de nós mesmos, e que normalmente

atendem às expectativas de papéis canônicos tais quais de indivíduos capacitados e ajustáveis a ambientes diversos, atendendo as expectativas do que esperam de nós, bem como daquilo que projetamos ser.

Este estudo de caso também não pretende se esgotar com essas conclusões, ao contrário, acreditamos que ele possa incitar outras discussões, principalmente pelo fato de ser um tema ainda pouco explorado na literatura sobre imigração, a qual vem dando ênfase a imigrantes em condições de trabalho, não em ambiente acadêmico.